

A OBRA DA REPUBLICA

(Separata do jornal «A Monarquia»
de 6 de Outubro de 1919)

1919

Preço 100 réis

LISBOA
Comp. e Imp. na Tip. Soares & Guedes Ltd.
Avenida Almirante Reis, 15-E 15-F

A OBRA DA REPUBLICA

João Soares Guedes

(Separata do jornal «A Monarquia»
de 6 de Outubro de 1919)

1919

Preço 100 réis

LISBOA
Comp. e Imp. na Tip. Soares & Guedes Ltd.
Avenida Almirante Reis, 15-E 15-F

DA BIBLIOTECA
NUNO DE ALMEIDA

11.2

2205

5 DE OUTUBRO

A Nossa Comemoração

Ordem publica—Subsistencias—

Escandalos—Defeza do regimen

—Questão politica—Prestigio par-

lamentar—Situação financeira—

Questão social. ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

5 DE OUTUBRO

A Nossa Comemoração

HA já nove anos que existe republica em Portugal, ou melhor ha onze longos anos, visto que é desde o regicidio, inspirado e aplaudido por eles, que os partidarios do regimen vigente governam de facto neste pais. O que tem sido estes lamentaveis anos, de intranquilidade, de sobressaltos, de escandalos, de vilanias, de baixezas, de crimes, é o que procuramos relembrar no nosso numero de hoje, sem criticas azedas, sem aggressões pessoais, muito serenamente, pela simples exposição de factos que falam sempre bem mais claro do que as palavras. Chorem, sobre o triste espectaculo destas ruínas, a Patria e a republica—a Patria de desespero, a republica de vergonha!

Ordem publica

ENTRE movimentos monarchicos, sempre inspirados no patriotico intuito de resgatar a Patria desta miseria e, portanto, de indirecta responsabilidade republicana, e movimentos de character retintamente partidario para collocar no poder os exilados dele, — contam-se ao todo 20 só nestes 11 anos, ou seja uma media de duas revoluções por ano, uma de verão, outra de inverno. Os tumultos então não teem conta e deles lembraremos apenas os mais importantes.

Revoluções, tentativas de pronunciamentos

28 de Janeiro de 1908 — Dissidentes e republicanos contra João Franco.

5 de Outubro de 1910 — Republicanos contra a Monarquia.

29 de Setembro de 1911 — Tentativa monarchica (Palacio de Cristal).

5 de Outubro de 1911 — Primeira incursão de Couceiro.
3 de Julho de 1912 — Segunda incursão de Couceiro.
27 de Abril de 1913 — Movimento radical contra Afonso Costa.

21 de Outubro de 1913 — Tentativa monárquica de Azevedo Coutinho.

20 de Outubro de 1914 — Pronunciamento monárquico de Mafra.

20 de Janeiro de 1915 — Movimento das espadas, contra os democraticos.

14 de Maio de 1915 — Revolução democratica contra Pimenta de Castro.

28 de Agosto de 1915 — Tentativa monárquica de Braga.

13 de Dezembro de 1916 — Pronunciamento de Machado dos Santos.

5 de Dezembro de 1917 — Revolução de Sidonio Pais contra os democraticos.

8 de Janeiro de 1918 — Pronunciamento dos marinheiros contra Sidonio Pais.

12 de Outubro de 1918 — Insubordinação democratica contra Sidonio Pais.

20 de Dezembro de 1918 — Movimento das Juntas Militares, a favor da Nação.

11 de Janeiro de 1919 — Revolta democratica de Santarem.

9 de Janeiro de 1919 — Restauração monárquica no Porto.

13 de Fevereiro de 1919 — Contra-revolta republicana na Porto.

29 de Abril de 1919 — Tentativa sidonista contra os democraticos.

Em egual espaço de tempo, de 1908 a 1918 a monarquia hespanhola não teve de defrontar-se com uma unica revolução!

Tumultos

LISBOA

Maio de 1911 — Manifestações dos operarios sem trabalho. Conflitos e prisões.

Maio de 1912 — Rebentam bombas.

Junho de 1912 — Uma bomba. Conflitos com a tropa. Feridos, pranchadas, prisões e ferimentos. Tumultos no Rocio. 1 morto, 4 feridos, 5 bombas. 1 bomba, 1 morto, alguns feridos. Outra bomba.

Novembro de 1912 — Antonio José de Almeida é apupado á chegada. Tumultos na Baixa; 44 feridos. Tumultos no Tribunal das Trinas.

Junho de 1913 — Uma bomba num cortejo. Mortes. 40 feridos. Incendio dum quiosque, prisões de operarios.

Julho de 1913 — Assalto a quarteis. Bombas. Mortos e feridos. Tumultos no Senado.

Outubro de 1913 — Balburdias no Poço do Bispo; ferimentos.

Janeiro de 1914 — Tumultos no Rocio. Mortos e feridos.

Maio de 1915 — Tiros e pranchadas.

Fevereiro de 1916 — Bombas e mortos.

Dezembro de 1918 — No funeral de Sidonio Pais, bombas, mortos e feridos.

PROVINCIAS

Abril de 1911 — Tumultos em Carrazeda de Anciães por uma lei do Registo Civil. Prisões. Os estudantes do Porto ferem o reitor e um professor.

Maio de 1911 — Conflitos com a guarda no Porto, ferimentos e prisões. Os estudantes partem a mobilia da Universidade do Porto.

Maio de 1911 — Apedrejamento dos propagandistas eleitorais pelo povo de Freixiando.

Junho de 1911 — Conflito no Porto por causa dos tecelões.

Outubro de 1911 — Tumultos em Coruche, mortos e feridos. Tumultos em Cezimbra, 5 ferimentos.

Março de 1913 — Antonio José d'Almeida apupado no Porto. Feridos.

Junho de 1913 — Questão academica em Coimbra. Tiros, feridos, prisões.

Agosto de 1913 — Bombas no Porto.

Fevereiro de 1914 — Tumultos em Monção.

Abril de 1914 — Balburdias em Olhão.

Junho de 1914 — Tumultos em Idanha e Azambuja, 2 mortos. Questão academica em Coimbra. 1 morto, ferimentos, 200 estudantes presos.

Julho de 1914 — Tumultos em Lamego. 10 mortos.

Setembro de 1914 — Correrias na Porto.

Março de 1915 — Balburdias em Aveiro. Feridos.

Abril de 1915 — Tumultos nas Caldas da Rainha, bombas sobre uma procissão.

Maio de 1915 — Tumultos em Coimbra. Apedrejamento e agressões aos inauguradores do Centro Monarquico Academico.

Dezembro de 1915 — Tumultos no Barreiro e no Seixal. Mais tumultos em Portalegre e na Pesqueira.

Os tumultos nos ultimos tres anos estão ainda na memoria de toda a gente. Seria inutil enumerar-os. Ha factos, como o assalto á Igreja do Loureto pelo então governador civil de Evora, Estevam Pimentel, cuja data precisa, entre outras, a nossa memoria já não consegue localizar.

Subsistencias

DURANTE a propaganda republicana não faltaram, por esses estrados de comícios, por esses palcos de teatros, oradores tronitroantes, de grenha hirsuta e gesto desmanchado que protestassem contra o preço dos generos e promettessem que o advento da Republica faria baixar esses preços como por encanto. Veiu a Republica e, depois de quatro anos de maus governos, com greves continuas e tumultos incessantes, embarcam a Nação na aventura da guerra, onde perdemos 8:000 homens e gastamos 800:000 contos para ganhar 5 contos de renda com os coqueiros de Kionga. Os preços dos generos então duplicaram, triplicaram, quadruplicaram, multiplicaram. o que faz com que os que escaparam da guerra e da peste, morram hoje de fome.

Generos		Preço em 1910	Preço em 1919
Assucar	Kg.	240	600
Arroz	»	140	460
Bacalhau	»	280	1\$400
Feijão	L.	70	310

Farinha	Kg.	100	600
Manteiga	»	800	2\$400
Azeite	L.	280	840
Vinagre	»	60	240
Vinho	»	60	300
Massas	Kg.	160	600
Grão	L.	80	460
Carvão	Kg.	30	90
Petroleo	L.	100	240
Café	Kg.	600	1\$200
Chá	»	2\$000	7\$000
Chouriço	»	480	2\$000
Toucinho	»	320	1\$800
Carne de vaca	»	280	1\$200
» » porco	»	360	1\$800
Ovos	D.	240	1\$100
Pão	Kg.	90	360
Cebolas	»	15	80
Batatas	»	40	250
Sabão	»	140	600

A Monarquia espanhola tem os generos pelo preço de antes da guerra e alguns ainda mais baratos.

Escandalos

O regimen republicano, já dizia Sorel *c'estle pays de cocagne des financiers sans scrupules*. Sem governos fortes, á mercê sempre da instabilidade parlamentar, sem chefes de estado imparciais e sobrepairantes que mandem administrar com honradez os dinheiros publicos e fiscalizar, de alto, esses actos de administração, a republica torna-se, pela marcha natural das coisas, um campo largo e aberto onde todos os traficantes da politica, todos os ciganos partidarios, todos os especuladores de má morte, vêm exercer, á custa do erario publico, a sua infatigavel e rendosa profissão. Os escandalos da terceira republica franceza são universalmente conhecidos. *O caso de Panamá, a venda das condecorações, a questão Dreyfus, a questão Humbert, a cedença do Congo, as numerosas traições da guerra*, tudo isso prova bem o que pode fazer um mau regimen num grande e nobilissimo país como é a França.

Entre nós, então, as escandaleiras tem sido infinitas durante estes nove anos de felicidade democratica. Eles, que nada apuraram nas sindicancias contra os funcionarios da Monarquia, embora constitucional, tem praticado, depois

da sua queda, as mais abominaveis falcatruas que podem conceber-se.

Revejam-se neste belo espelho os que praticaram tamanhas depravações, enquanto a Nação, acordando não disser da sua justiça:

Os que chegaram a explodir

- Bens das congregações — Afonso Costa.
- Questão de S. Tomé — Afonso Costa.
- Bens da Casa Real — Afonso Costa.
- Questão de Ambaca — Freitas Ribeiro e Norton de Matos.
- Lei das Binubas — Afonso Costa.
- Aguas de Rodam — Antonio Maria da Silva.
- Questão do Opio — Euzebio da Fonseca.
- Canhões Canet — João Chagas.
- Bens dos inimigos — Negociata da Furness — Urbano Rodrigues, Alexandre Braga, etc., etc.
- Indulto do Leandro — Bernardino Machado.
- Predio Grandela — Afonso Costa.
- Minas da Panasqueira — Alexandre Braga.
- Porta aberta em Angola — Afonso Costa.
- Carimbo magico — Norton de Matos.
- Fornecimentos ilegais ao exercito — Correia Barreto.
- Generos avariados para as expedições — Norton de Matos.
- Camions e automoveis velhos como novos — Norton de Matos.
- Questão das 33:500 acções da C. P. — Xavier Esteves.
- Agencia Financial — Ramada Curto.
- Questão dos Bilhetes de tesouro — Ramada Curto.

Minas de S. Pedro da Cova — Dias da Silva.
Caverna das subsistências — Toda a quadrilha.

Os que as chamadas abafaram

- Incendio do Deposito de Fardamentos — 1916.
- Incendio da Escola Naval — 1916.
- Incendio das Encomendas Postaes — 1919.
- Incendio do Parque Automovel — 1919.

Defeza do regimen

NÃO podendo consolidar-se por um governo honesto, por uma administração escrupulosa, por uma equitativa e imparcial aplicação das leis, a republica tem constantemente recorrido a processos violentos e extra-legais, para fazer calar adversarios incomodos, impedindo por todas as formas os protestos da gente de bem — e até a fiscalização dos proprios correligionarios.

Assassinatos

Coronel Celestino da Costa (morto no quartel).
Capitão Manuel Joaquim de Barros (morto no quartel).
Padre Barros Gomes (morto em casa).
Padre Fragues (morto em casa).
Tenente Alberto Soares (morto no Hotel Francfort).
Tenente Bahr Ferreira (morto em Lisboa).
Sargento Pereira (morto na Rua Victor Cordon).
Ramiro Pinto (morto á porta do Ginasio).
Professor Gueifão (morto á porta da *Chave d'Oiro*).
João de Freitas (morto no Entroncamento).
Comandante Assis Camilo (morto a bordo).
Comandante Nunes da Silva (morto a bordo).
Tenente Gomes da Silva (morto na Escola de Guerra).
Sargento aluno Oliveira (morto na Escola de Guerra).

Estudante Kruss Gomes (morto em casa, por engano).
 Estudante Jeronimo d'Oliveira (morto em casa).
 Homero de Lencastre (morto no Porto).
 Capitão Joaquim Libanio Soeiro (morto em Portalegre).
 Major Eduardo Correia (morto na Covilhã).
 Chefe Barbosa (morto na Rua Ivens).
 Guarda n.º 1298 (morto nas Escadinhas do Hospital).
 Pereira Serrinha (morto á sahida do Hospital de S. José).
 Guarda n.º 1345 (morto á porta da esquadra do Cami-
 nho de Ferro).
 Cabo n.º 36 (morto em casa).
 Guarda n.º 400 (morto no Jardim do Tabaco).
 Miguel Soto Maior (morto em Braga).
 Alferes Abreu e Melo (morto em Braga).
 Presidente Sidonio Pais (morto na Estação do Rocio).
 Capitão Jorge Camacho (morto no Terreiro do Paço).
 Rufino de Lima (morto no Porto).
 João Bernardo (morto em Lisboa).
 Nuno Pedro (morto em Lisboa).
 Jacinto Parreira (morto em Lisboa).
 Jeronimo Teixeira Dias (morto em Mangualde, dias
 após a sua absolvição).

Agressões

Janeiro de 1912 — Assassinato do administrador da Moita.
 Maio de 1912 — O Sr. Mário Monteiro é agredido e espan-
 cado.
 — O carro celular com os monarchicos presos é
 voltado e destruido, ferimentos e apupos.
 Julho de 1912 — Agressão de cinco monarchicos.
 — Agressão aos presos vindo da Carregueira, prisões.
 — Agressão dum estrangeiro que acabava de desem-
 barcar por não tirar o chapéu á *Portuguesa* no
 Rocio. — Tiros e sete feridos.

Outubro de 1913 — Mais agressões a presos, sendo-lhes
 arrancadas as barbas com pinças.
 Abril de 1914 — Assassinato de João Torquato dos Santos.
 — Agressão ao director da *Tarde* no Porto.
 Maio de 1915 — Espancamento do capitão Duarte Bemfeito
 em Santarem, rasgando-lhe a canalha a farda e
 partindo-lhe a espada.
 — Agressão colectiva aos alunos da Escola de Guer-
 ra quando vinham presos para o Arsenal.
 Março e Abril de 1916 — Manifestações carbonárias á Ser-
 via com apupos e espancamento de monarchicos.
 Outubro de 1918 — Assalto a uma escolta que conduzia
 presos. 7 mortos. 60 feridos.
 Dezembro de 1918 — Primeiro atentado contra Sidónio Pais.
 — Assassinato de Sidónio Pais.
 Fevereiro de 1919 — Espancamento de inumeros monar-
 quicos em todo o Norte como represálias contra
 as pretendidas *violencias dos trauliteiros, que, por
 muito grandes que fossem, não teriam vingado toda
 a vastissima lista de agressões e crimes que atraz
 enumeramos.*
 Março de 1919 — Agressão aos presos políticos vindos do
 Alemtejo em companhia do capitão Camacho, que
 foi assassinado.
 Julho de 1919 — Agressão ao director do *Debate*, no Porto,
 que ficou em perigo de vida.
 Novembro de 1919 — Agressão a tiro dos presos monarchi-
 cos que saíam do Tribunal do Porto, tendo-se feito
 convites especiais para o acto aos *trauliteiros ver-
 melhos.*

Violencias

Novembro de 1910 — Expulsão das congregações religio-
 sas. Desterro de Juizes para Gôa.

Março de 1911 — Suspensão do Bispo do Porto e de alguns parocos.

Janeiro de 1911 — Demissão de professores da Universidade.

Abril de 1911 — Destituição do bispo de Beja.

Abril de 1912 — Os defensores desmancham uma procissão e fazem 16 prisões.

Março de 1912 — Exílio do Arcebispo de Evora. Encerramento do Seminário Colonial.

Agosto de 1912 — Encarceramento de inumeros monarchicos durante meses sem culpa formada.

Outubro de 1913 — Demissão do professor Lobo d'Avila Lima da Faculdade de Direito.

Janeiro de 1915 — Prisões de inumeros officiaes do exercito por se haverem solidarizado com um camarada injustamente castigado.

Fevereiro de 1916 — Apropriação dos navios alemães surtos no Tejo, quando ainda não estavam em guerra para os ceder á *Furness* por bom peculio.

Outubro de 1916 — Encerramento de Machado Santos, sem culpa formada, durante um ano no forte do Fontêlo.

Agosto de 1917 — Exílio do Cardeal Patriarca de Lisboa por causa das Confrarias.

Agosto e Setembro de 1917 — Abusos incalculaveis da censura prévia á imprensa, que chega a provocar, da parte desta, um movimento de protesto.

Fevereiro, Março e Abril de 1919 — Destituição e suspensão em massa de funcionários publicos e officiaes do exercito, por simples e vagas suposições de serem desafectos ao regimen.

Setembro de 1919 — Licenceamento dos officiaes milicianos, a quem a republica cortou as carreiras durante a guerra, dando-lhes agora um pontapé depois de feita a paz.

Assaltos

Assalto aos jornais *Liberal*, *Correio da Manhã*, *Diario Illustrado* — Janeiro de 1911.

Assalto á redacção d'A *Palavra* — Fevereiro de 1911.

Assalto e incendio do *Centro Catolico* — Setembro de 1911.

Assalto ao *Jornal de Noticias* e ao *Diario do Porto* — Março de 1912.

Assalto á *Juventude Catolica* — Março de 1913.

Assalto ao *Teatro do Ginasio* — Junho de 1913.

Assalto aos jornais *Dia* e *Nação* — Outubro de 1913.

Assalto á egreja de Palmela — Janeiro de 1914.

Assalto ao Congresso Catolico do Porto — Maio de 1914.

Assalto ao jornal *A Liberdade* — Julho de 1914.

Assalto aos jornais *Restauração*, *Ridiculos*, *Vanguarda*, *Jornal da Noite*, *Talassa* — Outubro de 1914.

Assalto aos Centros Monarquicos, Liga Naval, Egreja de S. Paulo, Escola de Guerra, jornal *O Dia* — Maio de 1915.

Assalto aos jornais *O Mundo*, *Portugal*, aos centros democraticos e casas particulares — Dezembro de 1917.

Assalto ao Centro Evolucionista — Julho de 1918.

Assalto á Casa Borges & Irmão no Porto — Outubro de 1918.

Assalto ao Gremio Lusitano e mais lojas maçonicas — Dezembro de 1918.

Assalto á *Capital* e á *Manhã* — Dezembro de 1918.

Assalto á *Juventude Catolica* — Fevereiro de 1919.

Assalto á egreja dos Congregados — Julho de 1919.

Assalto ao jornal *O Debate* — Julho de 1919.

Não incluimos nesta secção os inumeros assaltos a lojas e estabelecimentos, que não podem por via de regra, considerar-se delitos politicos.

Questão politica

Chefia do Estado

UMA das condições essenciais de boa governança publica é a estabilidade e a continuidade do poder na mais alta magistratura da Nação.

E' esta, sem duvida, uma das vantagens, senão a primeira vantagem do regimen monarchico, onde os filhos sucedem aos pais naturalmente sem solavancos na chefia do pais. Mesmo em republica, quasi todas as constituições attribuem largos periodos de exercicio á função presidencial, registando alem disso a faculdade de serem reeleitos os presidentes que menos provas derem de incapacidade ou ruim desempenho do seu alto cargo. Pois, entre nós, neste periodo de onze anos, que vai desde o regicidio ao momento presente, tivemos, graças sempre á intervenção violenta de republicanos, em nome da liberdade, na existencia da Nação sete chefes do Estado, dos quais cinco violentamente expulsos do poder, dois por assassinato. Isto representa uma média de mais dum chefe de estado por cada dois anos de vida publica. Vejamos:

El-Rei D. Carlos I — assassinado em 1908.

El-Rei D. Manuel II — exilado em 1910.

Manuel de Arriaga — escorraçado em 1915.

Bernardino Machado — exilado em 1917.

Sidonio Paes — assassinado em 1918.

Só os srs. Teofilo Braga e Canto e Castro, presidentes interinos, chegaram normalmente ao fim do seu curtissimo mandato de poucos mezes.

Em igual espaço de tempo a Monarquia espanhola não mudou de soberano.

Continuidade governativa

Não é só na Chefia do Estado, que a continuidade de governo é uma condição essencialissima de prosperidade publica. Essa continuidade tem tambem de ser assegurada na acção do poder executivo, regulamentador das leis e mantenedor da ordem, para que a vida nacional decorra sem contra-tempos e a marcha do Estado não sofra atritos de maior.

Ha pastas então, como as do Interior, das Colonias, da Fazenda e dos Estrangeiros, que exigem uma longa permanencia do respectivo titular no exercicio das suas funcções. Na Monarquia, muito embora liberal, tirando o reinado de D. Manuel, onde os republicanos indirectamente já manda-

vam, os gabinetes duravam, por via de regra, 4 ou 5 anos cada um. Agora, desde que temos republica é o que se vê!

Mudança total de governos:

1.º) Governo Provisorio — de 5 de outubro de 1910 a 3 de setembro de 1911.

2.º) Governo João Chagas — de 3 de setembro de 1911 a 12 de novembro de 1911.

3.º) Governo Augusto de Vasconcelos — de 12 de novembro de 1911 a 16 de junho de 1912.

4.º) — Governo Duarte Leite — de 16 de junho de 1912 a 9 de janeiro de 1913.

5.º) Governo Afonso Costa — de 9 de janeiro de 1913 a 9 de fevereiro de 1914.

6.º) Governo Bernardino Machado — de 9 de fevereiro de 1914 a 12 de dezembro de 1914.

7.º) Governo Victor Hugo d'A. Coutinho — de 12 de dezembro de 1914 a 25 de janeiro de 1915,

8.º) Governo Pimenta de Castro — de 25 de janeiro de 1915 a 15 de maio de 1915.

9.º) Governo José de Castro — de 15 de maio de 1915 a o 29 de novembro de 1915.

10.º) Governo Afonso Costa — de 29 de novembro de 1915 a 15 de março de 1916.

11.º) Governo Antonio J. d'Almeida — de 15 de março de 1916 a 25 de abril de 1917.

12.º) Governo Afonso Costa — de 25 de abril de 1917 a 8 de dezembro de 1917.

13.º) Governo Sidonio Paes — de 11 de dezembro de 1917 a 15 de dezembro de 1918.

14.º) Governo Canto e Castro — de 15 de dezembro de 1918 a 20 de dezembro de 1918.

15.º) Governo Tamagnini — de 20 de dezembro de 1918 a 20 de fevereiro de 1919.

16.º) Governo José Relvas — de 27 de fevereiro de 1919 a 30 de março de 1919.

17.º) — Governo Domingos Pereira — de 30 de março de 1919 a 29 de julho de 1919.

18.º) Governo Sá Cardoso — de 29 de julho de 1919 até ao momento presente.

MINISTROS DO INTERIOR — 28 (vinte e oito!) = mais de 3 por ano.

MINISTROS DA JUSTIÇA — 23 (vinte e tres!) = mais de 2 por ano.

MINISTROS DAS FINANÇAS — 30 (trinta!) = mais de 3 por ano.

MINISTROS DA GUERRA — 19 (dezenove!) = mais de 2 por ano.

MINISTROS DA MARINHA — 22 (vinte e dois!) = mais de 2 por ano.

MINISTROS DAS COLONIAS — 25 (vinte e cinco!) = mais de 2 por ano.

MINISTROS DOS ESTRANGEIROS — 27 (vinte e sete!) = 3 por ano.

MINISTROS DO FOMENTO — 25 (vinte e cinco!) = mais de 2 por ano.

MINISTROS DA INSTRUÇÃO — 19 (dezenove!) = mais de 2 por ano.

Nesta indicação, que não póde ser nominal por absoluta falta de espaço, não indicamos, nem os interinos, nem os repetentes. Por aqui se vê que, tirando uma média, pode afirmar-se o seguinte sem receio de contradita: sendo 18 o numero de ministerios e 19 o dos ministros nas pastas que tiveram menos titulares, os ministros andaram constantemente variando em cada pasta ou saltando de pasta para pasta num verdadeiro sarapatel de incompetencias e mediocridades.

Em egual periodo de tempo a Monarquia Hespanhola, se não estamos em erro, teve ao todo 6 ou 7 ministerios, quasi sem recomposições.

Prestigio parlamentar

N OS alicerces do edificio revolucionario, erguido pelas congeminações metafisicas dos enciclopedicos á maior gloria da Deusa da Liberdade e onde, de então para cá, teem habitado e cohabitado todos os esquentados de cerebro, todos os especuladores da politica, todos os financeiros sem escrupulos acha-se, como pedra basilar, o sistema parlamentarista mail'o sufragio universal. A' antiga representação em côrtes dos municipios e das ordens, representação positiva, concreta, das variadas espécies de interesses que constituem a vida publica da nação, substituiu-se a mascarada ignobil das urnas, onde rebanhos de eleitores, pastoreados pelos caciques respectivos vão sancionar as nomeações feitas no ministerio do interior dos *genuinos delegados* da soberania popular. Como aceitou o pais essa intrujice sem nome? Mal, sempre pessimamente.

No tempo do constitucionalismo, entretanto, a sombra da magistratura régia conseguia ainda assim dar certas tonalidades de decôro a essa misera farçada. Caída a monarquia o país foi-se progressivamente desinteressando da funçanata eleitoral e, dentro em muito breve, assistiremos ao especta-

culo, nunca visto, de haver deputados *eleitos* sem votos, o que equivale a dizer omeletes cosinhadas sem ovos.

Nesse dia proximo a republica terá morrido de inanição.

Falam os numeros :

ULTIMAS ELEIÇÕES DA MONARQUIA: votaram 63 % dos eleitores inscritos.

ELEIÇÕES CONSTITUINTES DA REPUBLICA: a votação baixou a 61 % dos eleitores.

ELEIÇÕES DO 14 DE MAIO: votação ainda mais baixa; 51 % dos eleitores.

ELEIÇÕES DE SIDONIO PAIS: votaram apenas 34 % dos eleitores.

ELEIÇÕES PARA O ACTUAL CONGRESSO: (oh, ceus!) votaram 7 % dos eleitores.

Depois de ter falhado, pela ineptia dos chefes a ultima contra-revolução monarquica, o eleitorado de Lisboa, (pois é a Lisboa, metade do pais, e onde se reflete toda a vida publica nacional, que se refere esta estatistica) desinteressou-se quasi por completo da republica e do seu congresso, do regimen democratico e dos seus *representadores*.

Situação financeira

S E debaixo do ponto de vista economico, a obra da republica tem sido pessima, sob o aspecto financeiro, então é uma verdadeira, uma autentica miseria. Um pais sem dinheiro é como um organismo vivo sem sangue, tendendo inevitavelmente para o enfraquecimento geral e completo, ante-camara da morte. Quando a divida publica aumenta, quando aumenta a circulação fiduciaria, quando o aumento dos impostos é sem limites, pode infelizmente afirmar-se, sem perigo de errar, que na cova, aberta pelo regimen politico á Nacionalidade, será ele regimen politico coveiro, o primeiro a sepultar-se. Tão grave é a nossa situação financeira, ha nove anos a esta parte, que, só de encara-la julgamos ouvir o estertor da Patria, desfazendo-se num delirio perdulario sem remedio, numa febre invencível de prodigalidade e esbanjamento.

Os numeros tem a palavra :

DESPEZA ANUAL ORDINARIA: de 1901 a 1910, 65.225 contos.

DEFICIT: de 1901 a 1910, 37.790 contos.

DESPEZA ANUAL ORDINARIA; de 1910 a 1914,
71.704 contos.

SÓ ESTE ANO: de 1909 a 1910, 237.000 contos.

DEFICIT PREVISTO: de 1919 a 1920, 124.000
contos.

DÍVIDA DE GUERRA (a pagar em dois anos),
800.000 contos.

LUCROS DA GUERRA (anuais, 5 contos nos coquei-
ros de Kionga.

Isto quanto á divida publica.

Vejamos agora a circulação fiduciaria:

CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA NA MONARQUIA; 70.671
contos.

CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA ACTUAL: 313.000 con-
tos.

AUMENTO EM 9 ANOS DE REPUBLICA: 242.329
contos.

Questão social

SABE-SE, toda a gente sabe como a chamada questão social, entre os defensores da classica ordem economica e os que pretendem transforma-la no comunismo universal, se tinha agravado por toda a parte na primeira decada do seculo XX. Entretanto em Portugal, antes do advento da republica, quasi não existia questão social; se a republica se não tivesse proclamado podemos afirmar que ainda hoje, em relação aos outros paizes, estaríamos em muito melhores condições para reagir contra o terrivel flagelo do bolchevismo. Mas proclamou-se o actual regimen, regulamentou-se logo o direito á greve, ensinou-se publicamente o fabrico das bombas explosivas, e as greves e as explosões e os tumultos, os assaltos a armazens e depositos de generos nunca mais pararam, constituem uma vasta epidemia de desnorteamento e desordem que os governos republicanos tentam em vão debelar e reduzir, mas sem força moral para isso visto terem sido os seus instigadores e principais agentes da sua divulgação. Hoje já se publicam em Lisboa dois grandes jornais operarios, que fazem a propaganda da mais completa subversão social. Eis o sudario:

Greves gerais

Lisboa

Março de 1911 — de adesão aos operarios de Setubal.
Janeiro de 1912 — de adesão aos rurais do Alemtejo.
Janeiro de 1914 — de adesão aos ferro-viarios.
Julho de 1917 — de adesão pelo encerramento da U. O. N.
Setembro de 1917 — de adesão aos telegrafo-postais.
Junho de 1919 — de adesão á União Fabril.

Provincias

Junho de 1911 — Vendas Novas.
Março de 1911 — Setubal (mortos, feridos, prisões).
Janeiro de 1912 — Alemtejo.
Abril de 1915 — Viana do Castelo.
Outubro de 1915 — Setúbal.
Novembro 1915 — Guimarães.
Dezembro de 1915 — Porto.
Dezembro de 1915 — Famalicão.

Greves parciais

Lisboa

Maio de 1911 — dos cabouqueiros e fabricantes de cal.
Junho de 1911 — dos tanoeiros.

Janeiro de 1911 — dos caixeiros, dos corticeiros, do sul e sueste e C. P., dos metalurgicos, dos gazomistas, da União Fabril.

Março de 1911 — dos maritimos, dos curtidores, dos graficos (prisões e fermentos), dos operarios da borracha.

Outubro de 1911 — dos vendedores de jornais.

Janeiro de 1912 — dos Hospitais Civis.

Março de 1912 — dos fragateiros.

Maio de 1912 — dos tecelões, dos operarios de assucar, dos electricos.

Novembro de 1912 — dos tanoeiros, dos corticeiros, dos pedreiros, dos fragateiros.

Janeiro de 1913 — dos corticeiros (prisões), dos maritimos (morte de um engenheiro), dos fragateiros.

Março de 1913 — das peixeiras.

Agosto de 1913 — dos tecelões.

Janeiro de 1914 — dos ferroviarios.

Abril de 1914 — dos pintores, dos metalurgicos.

Julho de 1914 — dos cabouqueiros e fabricantes de cal.

Novembro de 1915 — da exploração do porto de Lisboa.

Janeiro de 1916 — dos carregadores, dos empregados da Camara.

Julho de 1917 — da Construção Civil.

Agosto de 1917 — da Companhia das Aguas.

Setembro de 1917 — dos telegrafo-postaes (3:000 prisões).

Fevereiro de 1918 — dos electricos, dos gazomistas, dos carroceiros, das engomadeiras.

Maio de 1918 — dos electricos.

Junho de 1918 — do sul e sueste.

Novembro de 1918 — do sul e sueste (bombas, mortes, prisões).

Março de 1919 — dos tipografos.

Maio de 1919 — dos electricos, da companhia das aguas, dos

operarios do municipio. dos marceneiros, dos sapateiros, dos alfaiates.

Julho de 1919 — da União Fabril, dos tipografos, das empresas jornalisticas.

Julho e Agosto de 1919 — dos ferro-viarios da C. P.

Provincia

Maio de 1911 — Trabalhadores rurais do Alentejo, tecelões do Porto.

Junho de 1911 — sapateiros de Guimarães, caixeiros e sapateiros e pedreiros do Redondo, manipuladores de farinha de Almada, mineiros de Grandola.

Janeiro de 1911 — descarregadores de Portimão, corticeiros do Barreiro, telefonistas do Porto, pescadores de Olhão.

Fevereiro de 1911 — União Fabril do Barreiro.

Março de 1911 — Operarios de conservas de Setubal, vidreiros de Braço de Prata, graficos do Porto.

Janeiro de 1912 — dos descarregadores do Barreiro, dos ruraes do Alentejo.

Abril de 1912 — da fabrica Mariani do Porto (operarios espingardeados, bombas, ferimentos, prisões).

Novembro de 1912 — dos tanoeiros do Porto, dos valadores e ruraes de Vila Franca de Xira.

Dezembro de 1912 — dos carregadores e maritimos do Funchal.

Maio de 1913 — dos soldados de Olhão (assaltos a fabricas).

Novembro de 1913 — dos metalurgicos do Porto, dos mecanicos da Madeira.

Março de 1914 — dos fluviais do Porto (ferimentos e prisões).

Abril de 1914 — da construção civil de Coimbra.

Maio de 1914 — dos pescadores de Cezimbra.

Agosto de 1914 — dos tipografos do Porto.

Setembro de 1914 — dos tecelões do Porto.

Outubro de 1915 — dos rurais de Palmela, dos tipografos de Braga.

Novembro de 1915 — dos mineiros de S. Pedro da Cova (bombas e prisões), dos estucadores do Porto, dos pedreiros do Porto, dos operarios da linha do Barreiro, dos rurais de Braga, da construção civil do Porto (bombas).

Dezembro de 1915 — dos carreiros de Braga, dos rurais de Fronteira (mortos e feridos).

Fevereiro de 1916 — dos tecelões da Covilhã.

Esta lista, muito incompleta, não poudeser acrescida das grèves provinciais nos ultimos anos, mas sabe-se que a proporção é ainda muito maior.

Excluimos propositadamente as grèves academicas, que não teem fins sociais, e, portanto, não podem ser comprehendidas, sob o titulo desta secção.

Assaltos de caracter economico

Julho de 1914 — Assaltos a estabelecimentos de generos.

Março de 1915 — Assaltos a padarias.

Outubro de 1915 — Assaltos a armazens de azeite em Almada. Feridos.

Janeiro de 1916 — Assaltos a estabelecimentos.

Abril de 1917 — Assaltos a padarias e a praça do Porto.

Maio de 1917 — Assaltos a estabelecimentos. Dezenas de mortos, centenas de feridos, bombas.

Outubro de 1917 — Assaltos a padarias.

Dezembro de 1917 — Assaltos a todos os estabelecimentos durante a revolução de Sidónio Paes.

Esta indicação também é muito incompleta; a memória dos leitores que supra as lacunas como puder.

Violencias contra operarios

Janeiro de 1912 — Ataque a tiro ao Sindicato de Évora. Dois feridos.

Assaltos á Casa Sindical; prisão de 580 homens, 17 mulheres, e algumas creanças. 8 feridos.

Junho de 1913 — Assalto á casa Sindical. Prisões.

Janeiro de 1914 — Encerramento do Sindicato Ferroviario. 140 prisões.

Novembro de 1915 — Encerramento da Federação Operaria de Guimarães.

Dezembro de 1915 — Encerramento de associações no Porto; prisões e ferimentos.

Julho de 1917 — Encerramento da União Operaria Nacional; 300 prisões, mortos e feridos.

Junho de 1919 — Novo encerramento da União Operaria Nacional.

Setembro de 1919 — Prisões em massa de elementos sindicalistas.

Outubro de 1919 — Assalto ás juventudes sindicalistas.

FIM